



Os Fasci¹ no Brasil

Angelo Trento

Tradução, revisão e notas
Paolo Targioni e Marinei Almeida

Delinear a história dos Fasces italianos no Brasil representa uma tarefa ainda a ser completada. Tal lacuna pode ser só parcialmente imputada à escassez de documentação primária sobre o assunto. Pelo contrário, ela deriva, em boa medida, da tendência que se firmou nas quatro décadas sucessivas à segunda guerra mundial, de minimizar quanto possível ou de silenciar a adesão dos italianos de além-mar ao regime de Mussolini.² Só nos últimos vinte-trinta anos algumas pesquisas, por meio de um paciente e meticuloso trabalho de busca em arquivos, em publicações e na imprensa periódica da época, ofereceram finalmente para a temática a justa problematização. Na realidade, o consenso concedido pelo imigrante ao fascismo, inicialmente fraco e restrito às classes altas e médias, foi-se ampliando a partir do final da década de 1920, para alcançar seu ápice na segunda metade da década sucessiva. Não devemos, porém, esquecer que a passagem de uma situação de “a-fascismo” difuso para uma situação de apoio ampliado, passou por um envolvimento mais instintivo do que meditado, baseado sobretudo em pulsões nacionalistas.³

No Brasil, talvez mais que na Argentina e no Uruguai, o regime teve sucesso em dar uma conotação ideológica à construção de uma identidade nacional que envolvesse também as classes populares, que criasse nestas o orgulho de um pertencimento étnico, aproveitando um processo que estava acontecendo havia duas décadas, através do trabalho da imprensa, das escolas e das associações étnicas, sobretudo nas áreas urbanas. O mérito do governo de Roma, de suas estruturas e de seus seguidores no Brasil, foi o de tornar em próprio favor esta imperfeita aquisição de uma consciência nacional, identificando e fazendo identificar italianidade e fascismo, exaltando também todas as conquistas - verdadeiras ou contrabandeadas como tais - do regime. Neste sentido, a alta consideração que a

1 Com a expressão *Fasci Italiani di combattimento* – Fasces em português (no singular italiano Fascio) – se entende os grupos políticos fundados em 1919 na Itália por Mussolini, que em 1921 serão transformados no Partido Nacional Fascista – PNF. Estes Fasces tiveram também suas representações no exterior, funcionando junto aos migrantes italianos. Nota do Tradutor.

2 Exemplar em tal sentido, é o ensaio de J. A. Rios, *Aspectos políticos da assimilação do italiano no Brasil*, in: “Sociologia, 21, 1958, pp. 501-29. Uma confirmação de como o fenômeno do fascismo seja praticamente removido nos estudos de mais amplo respiro sobre a emigração italiana nos é dado por Franco Cenni, *Italianos no Brasil. “Andiamo in ‘Merica’...”*, Martins, São Paulo, 1975, cuja primeira edição é de 1958.

3 No subcontinente em geral, organizações do PNF, imprensa e escolas italianas teriam suscitado nos imigrantes “mais que uma verdadeira adesão à ideologia fascista (...) novas formas de ritualidade patriótica, nas festas civis e religiosas, e nas escolas, uma linguagem permeada pela retórica nacionalista” (C. Vangelista, *Dal vecchio al nuovo continente. L’immigrazione in America Latina*, Paravia, Turim 1997, p. 132).



opinião pública, as personalidades e os governos estrangeiros nutriam por Mussolini desenvolveu um papel muito importante na progressiva adesão dos imigrantes ao novo modelo político, pois estes viveram o prestígio internacional como uma espécie de desforra em relação aos seus percursos individuais e coletivos.

Para a afirmação daquele que foi batizado “fascismo difuso”⁴ contribuíram façanhas que entraram no imaginário coletivo, como as várias travessias do Atlântico que pilotos italianos realizaram entre 1927 e 1931, incluída aquela liderada pelo ministro fascista da Aeronáutica Italo Balbo, que, assim como outras iniciativas, veiculavam a ideia de uma “nova Itália” – criação moderna e audaz, além de vitoriosa e produtora, guiada e amada pelo *Duce* – e tinham como objetivo conquistar o consenso não somente dos imigrantes, mas da opinião pública brasileira. A propaganda dessa ideia tornou-se uma arma indispensável, e esta batalha foi engajada oferecendo, entre outras coisas, bolsas de estudo a alunos brasileiros, financiamento de viagens de jornalistas para que conhecessem e descrevessem a nova realidade, e com isso inundassem as redações locais de artigos e fotos provenientes da península, oferta de subsídios a agências e jornais brasileiros que colocassem em boa luz o regime, multiplicação de esforços para conseguir projetar nos cinemas documentários do *Istituto Luce* (agência cinematográfica criada por Mussolini em 1925) e filmes politicamente comprometidos, normalmente reservados a um público de imigrantes. Paralelamente a Itália fascista procurou recortar seu próprio espaço em campo cultural, roendo o predomínio francês, por meio do envio de personagens importantes - Bontempelli, Marconi, Fermi - e de professores universitários como Ungaretti para ensinar nas universidades locais⁵.

Tais manobras foram facilitadas pela pouca hostilidade despertada no Brasil pela realidade política italiana que, pelo contrário, a nível governamental desembocava em uma aberta simpatia, encontrando uma concretização, após 1930, no recebimento das teorias corporativistas e do modelo sindical. A presença de um presidente - Getúlio Vargas – e de um grupo de liderança, incluindo as forças armadas, fortemente interessados à experiência italiana, além do surgimento de um partido - Ação Integralista Brasileira (AIB) - que se inspirava no fascismo, levaram Roma à esperança de ter influência sobre o panorama político local. Baseando-se em tais convicções, o AIB foi financiado mesmo depois de sua dissolução por Vargas em 1938, episódio que de qualquer forma não impediu Roma de continuar a

4 Bertonha utiliza muito esta categoria para indicar a grande massa daqueles que são envolvidos quase epidermicamente pelo regime, mas que representam a base de sustento para o núcleo restrito de inscritos ao fascismo e às organizações controladas por Roma como também aquele mais amplo dos simpatizantes verdadeiros. Cfr. J. F. Bertonha, *Brasile: gli immigrati e la politica estera fascista*, in “Latinoamerica” 70, 1999, pp. 91-104; Id., *sob a sombra de Mussolini: os italianos de São Paulo e a luta contra o fascismo*, FAPESP - Annablume, São Paulo 1999 e Id., *O fascismo e os imigrantes italianos no Brasil*, EDIPUCRS, Porto Alegre, 2001.

5 Os sucessos destas operações foram limitados tanto no plano cultural e cinematográfico, campo este no qual já se assistia a um claro monopólio de Hollywood, como naquele jornalístico. Ainda no final de 1930, o enviado do “Corriere della Sera”, Cesco Tomaselli, comunicava numa carta a Pavolini, que no Brasil “quem dá corda ao relógio da opinião pública é a Inglaterra” (Archivio Centrale dello Stato, Ministério da Cultura Popular, B. 275, Fasc. 5/46), juízo que poderia ser estendido a todo subcontinente, como denunciava G. Quartara, *Un viaggio nel Sud - America*, Bocca, Milão 1939, p. 146.



manifestar apreciação para com o chefe do executivo que, com o golpe de 1937 tinha deixado claro o desejo de querer abandonar toda aparência de democracia em favor de um modelo autoritário. Esta amizade terminou após a decisão do Rio de Janeiro de se colocar ao lado dos Aliados, em troca de palpáveis benefícios nas fases iniciais da guerra. Haviam se passado apenas quatro anos desde o momento em que as relações entre as duas nações tinham alcançado seu ápice, por consequência da recusa brasileira de aplicar as sanções impostas a Roma por causa da agressão à Etiópia. A campanha africana marcará também o ápice do consenso entre a coletividade imigrada, que se mobilizou com grandes manifestações, coleta do ouro, boicote das mercadorias dos países sancionistas, envio de bens e de voluntários.

As fotos e os documentos escritos do regime ilustram eficazmente como, entre os italianos no Brasil, foram se difundindo os sinais da ritualidade fascista: camisas pretas, saudações romanas, distintivos lictores, reuniões “oceânicas” em ocasiões de visitas de personagens da mãe pátria, comemorações de vários tipos, mas todas confluindo na exaltação da “nova Itália”. Além dos fatores sumariamente lembrados, outros elementos tiveram peso em determinar tal alinhamento, mas entre eles o trabalho desenvolvido pelos *Fasci* no exterior não ocupa uma posição de relevo, apesar deles terem recebido alguma força graças à ampliação do consenso a Mussolini entre a coletividade imigrada. Não casualmente o número de inscritos aumentará na segunda metade da década de 1930, em especial depois da campanha etiópica e coincidentemente com o quase total desaparecimento de um movimento antifascista que sempre foi mais fraco que na Argentina e com a ilegalidade e perseguição das forças locais de esquerda.

O primeiro *Fascio*, em homenagem a Filippo Corridoni, surgiu na cidade de São Paulo em março de 1923 por iniciativa de Emídio Rochetti, implicado, na Itália, no homicídio do secretário do partido comunista de Macerata, acontecido em 1921. Dois meses depois abria o *Fascio* “Pietro Poli” no Rio de Janeiro e, dali a um ano, seriam criadas sessões do PNF (Partido Nacional Fascista) em outros centros do país, para responder também às pressões exercidas por Ottavio Dinale, enviado para tal fim para a América Latina em 1923. Em termos quantitativos, a progressão de tais estruturas é, a primeira vista, significativa. Ao final de 1924 será o próprio Mussolini a fornecer, numa intervenção no senado, o número de quarenta unidades no Brasil (equivalente a pouco menos de um décimo do total dos *Fasci* no exterior⁶), indicação que, porém, não condiz com aquelas de outras fontes da mesma época. Em setembro de 1927, de qualquer forma seu número subiu para 52 e em 1934, segundo estimativas declaradamente partidárias, para 82⁷, das quais 35 no estado de São Paulo, no qual residia mais que 70% da coletividade italiana. Mesmo deixando de lado a atendibilidade de tais indicações, a sensação de uma extraordinária difusão das estruturas de Partido enfraquece se manusearmos os parciais e fragmentários dados sobre os inscritos. No Rio de Janeiro passaram de 130 em 1924 a 1.000 em 1928 e para 1.100 em 1932; Em Minas Gerais eram 700 nesta última data, ano que contava uma centena deles

6 B. Mussolini, *Scritti e discorsi*, IV, II 1924, Hoepli, Milão 1934, p. 441.

7 Para o 1927, cfr. “Fanfulla”, 15 de setembro 1927; para o 1934, *Gagliardetti italiani nel mondo*, s.e., Novara 1934, p. 9.



na Bahia; em São Paulo passaram de 400 em 1924 a 1745 em 1928 e a mais ou menos 2.000 logo após meados da década de 1930⁸.

Considerando que os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro hospedavam mais que 80% dos italianos, não é exagero afirmar que, até meados da década de 1930, o total dos inscritos no Brasil nunca superou as 5-6 mil unidades, uma quantidade risível em relação ao número de peninsulares residentes que era de 558 mil no censo de 1920, de 435 mil segundo estimativas confiáveis em 1930 e de 325 mil no censo de 1940. Tal inconsistência é documentada também nos registros sequestrados no *Fascio* de São Paulo, pelos polícias brasileiros, no começo da década de 1940, que demonstra como em 18 anos de vida nunca se superou o nível das 18 mil filiações totais, uma porcentagem irrelevante em relação aos italianos adultos de sexo masculino residentes na cidade⁹.

A proliferação das seções do PNF no Brasil tem, portanto, que ser relacionada não tanto a uma efetiva capacidade de radicação entre os imigrantes, quanto à dispersão territorial dos mesmos, numa área muito ampla, que incitava à implantação de estruturas de Partido - sob o impulso do corpo consular ou da elite étnica - em cada localidade na qual existisse um mínimo de presença italiana. Os 14 inscritos à seção do PNF de Sobral Pinto, pequena cidade de Minas Gerais que em 1933 tanto enchia de orgulho o semanal dos *Fasci* no exterior¹⁰, representavam o exemplo mais bem acabado desse processo e do triunfo da lógica multiplicativa. Na realidade, muitas estruturas acabaram por existir apenas no papel, outras, mesmo durando por anos, desenvolveram uma atividade extremamente reduzida, como testemunham episodicamente os relatórios diplomáticos que lamentam seu estado de abandono nesta ou naquela localidade, enquanto somente algumas deixaram rastros certos de sua presença.

Mesmo não podendo ser considerado uma regra, alguns elementos indicam que nos centros menores e nas áreas mais periféricas prevaleceu a tendência - sobretudo ao longo da década de 1930 quando se afirmou uma espécie de pensamento único graças ao trabalho desenvolvido pelas estruturas oficiais e oficiosas da coletividade italiana no Brasil - de rotular a agregação ao *Fascio* com o valor de uma afirmação de identidade de grupo, onde o impulso associativo em direção étnica prevalecia sobre a adesão política e ideológica. Pelo mesmo motivo, nos centros maiores, onde o mundo das associações sempre foi exuberante (especialmente no campo do socorro mútuo, devido às manifestas deficiências do país do acolhimento), o protagonismo das elites e classes médias italianas - que dos cargos diretivos ganhavam prestígio social, recortando-se também uma esfera de poder - alimentou uma forte desconfiança em relação às novas estruturas. Assim, se no clima da época era praticamente impossível subtrair-se à politização, devido às pressões às quais eram submetidas, quase todas as associações preferiram manifestar, mesmo com entusiasmo, a adesão ao regime em primeira pessoa,

8 Cfr. Rios, *Aspectos Políticos* cit., p. 56; "Fanfulla", 7 de março de 1928; F. Rubbiani, *Almanacco degli italiani nel Brasile pel 1932*, s.e., São Paulo 1932, pp. 415-57; S. Pisani, *Lo Stato di San Paolo nel cinquentenario dell'immigrazione*, s.e., São Paulo 1937, pp. 1248 - 51.

9 Bertonha, *O fascismo* cit., p. 101.

10 *Dalle fazende alle miniere d'oro*, in: "Il Legionario", 4 de março 1933, *apud*: E. Franzina, *Storia dell'immigrazione veneta. Dall'Unità al fascismo*, Cierre, Verona 1991, p. 163.



ultrapassando as estruturas do PNF e aprofundando a colaboração com as autoridades diplomáticas.

A situação descrita e as normas contidas no novo estatuto dos *Fasci all'estero* emanado pelo regime em 1928 obrigaram essas estruturas a entrar abertamente em concorrência com as agregações étnicas tradicionais, que, por sua vez, começaram a invadir o campo da representação política, pelo menos em suas formas exteriores. Acontecia assim que manifestações de exaltação da “nova Itália” e comemorações das datas do regime fossem realizadas um pouco em todo lugar, envolvendo rotativamente PNF, OND¹¹, associações, institutos escolares, sedes diplomáticas e até sociedades esportivas, como em ocasião da visita de Luigi Federzoni (presidente do Senado e figura de destaque do regime) a São Paulo, quando o encontro com a coletividade aconteceu no estádio do “Palestra Itália” decorado com bandeiras e brasões italianos, brasileiros e fascistas. É aliás conjecturável que sem esse tipo de terceirização da representação teria sido impossível, para o *Fascio*, juntar, nesta como em outras circunstâncias, milhares e milhares de pessoas. As atividades relacionadas ao funcionamento do partido, ou seja, aquelas promovidas sem a colaboração de outras instituições, pelo contrário, raramente garantiam, pelo menos nos grandes centros urbanos, um número satisfatório mesmo se relacionado ao total dos inscritos¹².

Como lembrado, um papel importante na homologação das funções dos *Fasci* com as exercidas pelas instituições já testadas de vida coletiva foi desempenhado pelo estatuto de 1928, que subordinava as estruturas do PNF ao corpo diplomático e, reforçando a obrigação do respeito absoluto das leis do país hospedeiro, proibia toda intromissão na vida política interna, além de fornecer outras diretrizes. O estatuto com certeza foi respeitado no Brasil em relação ao primeiro ponto e em relação à recomendação de criar seções femininas e juvenis. As organizações reservadas às mulheres - que se destacaram sobretudo pelo desempenho de funções assistenciais e pela tutela de maternidade e infância - tiveram um sucesso ainda mais limitado daquelas masculinas, inclusive em termos de inscrições. Maior consenso foi obtido pelas Organizações juvenis dos italianos no exterior (OGIE em italiano) que, mesmo sem obter adesões em massa promoveram atividades envolventes, mesmo que repetitivas, para os filhos e as filhas dos imigrantes. A importância dada por Roma ao OGIE local é comprovado pelo envio, em 1936, de um funcionário de Partido - Lamberto Lippi - com a tarefa de dirigir o grupo, tarefa que ele já desenvolvera na Bulgária.

Depois de 1928 apareceu um hibridismo embaraçante para os *Fasci* que, mesmo sem renunciar às funções de proselitismo ideológico, assumiram cada vez mais aquelas de “associacionismo apolítico de forma mais ou menos nacionalística”¹³, enquanto a atividade política do regime acabou por assumir “um caráter

11 OND – Opera Nazionale Dopolavoro: tratava-se de uma organização criada pelo regime fascista em 1925, que tinha como objetivo cuidar do tempo livre dos trabalhadores. (NDT)

12 Sobre a modesta participação às convocatórias do Partido, cfr. A. Trento, *Il fascismo e gli italiani in Brasile*, in: “Latinoamerica”, 29, 1988, p. 50.

13 A expressão é de E. Santarelli, *I Fasci italiani all'estero (note e appunti)*, in: “Studi Urbinati di Storia, Filosofia e Letteratura”, 1-2, 1971, p. 1373.



oficial formal em estreita ligação com a diplomacia fascista”¹⁴. No Brasil também chegaram inúmeros cónsules inseridos no sistema de representação do próprio país no exterior por méritos políticos e alguns, entre eles, tiveram também cargos de responsabilidade nas seções do PNF nas localidades nas quais prestaram serviço. Foi o caso de Giorgio Tiberi, medalha de ouro da marcha sobre Roma e vice-cónsul em Ribeirão Preto, Giovanni Moscati, vice-cónsul e secretário do *Fascio* em Campinas, Cesare Gobbato, agente consular e dirigente do *Fascio* de Caxias, onde mais tarde ocuparia a cadeira de prefeito¹⁵. O mais importante destes diplomatas fascistas foi, sem sombra de dúvida, Serafino Mazzolini, ex nacionalista, voluntário da I Guerra Mundial, legionário de Fiume, ex deputado do PNF e homem com cargos de Partido na Itália, que presidiu o consulado de São Paulo de 1928 a 1932, ano em que foi transferido para Montevidéu¹⁶.

Alguns dos novos representantes tiveram um peso importante ao orientar os conterrâneos em favor do regime, aproveitando também o aumento das representações diplomáticas que permitiu uma penetração mais capilar entre as comunidades do interior. Mesmo assim, o maior cuidado na indagação sobre as condições das nossas coletividades, ainda em lugares que até aquele momento nunca tinham recebido visitas consulares, foi um mérito exclusivo de iniciativas diplomáticas individuais. Os estudos mais recentes puseram em evidência o papel destes personagens ao empurrar para o regime, por meio de passividade ou chantagens, o mundo associativo, a imprensa e as escolas italianas¹⁷, setores estratégicos na orientação da opinião pública, e não só da italiana. O mundo da instrução recebeu especial atenção depois que a secretaria geral dos *Fasci* no exterior impôs, em 1928, a inscrição dos filhos dos imigrantes nas escolas italianas. No plano ideológico, a função da doutrinação foi desenvolvida pelos inúmeros institutos primários, mas sobretudo pela única instituição de educação média - “Dante Alighieri” - sustentada pela homônima sociedade com sede na Itália, pelas autoridades diplomáticas e por um grupo de patrocinadores imigrados pertencentes às classes abastadas¹⁸.

O estatuto de 1928 marcou uma inversão de tendência na escala de prioridades dos *Fasci*. As seções do Partido no Brasil tinham, de fato, começado suas

14 E. Santarelli, *Fascismo e neofascismo*, Editori Riuniti, Roma 1974, p. 128.

15 Sobre a interessante figura de Gobbato, cfr. L. Slomp Giron, *As sombras do Littorio: o fascismo no Rio Grande do Sul*, Parlenda, Porto Alegre 1994, pp. 86-90.

16 Sobre a obra de Mazzolini no Brasil, cfr. A. Trento, *Presenze e personaggi marchigiani in Brasile, 1876-1945*, em E. Sori (org.), *Le Marche fuori dalle Marche*, II, Quaderni monografici di “Proposte e Ricerche”, Ancona 1988, pp.405-16. Sobre o período uruguayo, cfr. J. Oddone, *Serafino Mazzolini: un missionero del fascismo in Uruguay (1933-1937)*, ivi, pp. 566-80, e G. Marocco, *Sull'altra sponda del Plata. Gli italiani in Uruguay*, Franco Angeli, Milão 1986, pp. 108-20. Veja-se também S. Mazzolini, *Parole di fede*, Tisi, São Paulo 1929.

17 Cfr. sobretudo A. Trento, *Do outro lado do Atlântico. Um século de imigração italiana no Brasil*, Nobel, São Paulo 1989, pp. 314-46, e Id., *Il Brasile, gli immigrati e il fenomeno fascista*, em V. Blengino, E. Franzina, A. Pepe (a cura de), *La riscoperta delle Americhe. Lavoratori e sindacato nell'emigrazione italiana in America Latina, 1870-1970*, Teti, Milão 1994, pp.257-64; Slomp Giron, *As Sombras* cit., pp. 85-104, e Bertonha, *O fascismo* cit., pp.87-164.

18 Sobre esta sociedade, cfr. P. Salvetti, *Immagine nazionale ed emigrazione nella Società “Dante Alighieri”*, Bonacci, Roma 1995, pp. 249-56.



atividades preocupando-se em organizar palestras e comemorações, de distribuir material de propaganda, de promover projeções de películas italianas (mais tarde em colaboração ou em concorrência com as OND), de criar pequenas bibliotecas nas quais prevalecessem uns textos que exaltassem o regime, de difundir a cultura da mãe pátria, de fornecer ao PNF de Roma informações econômicas e políticas sobre o Brasil, de cultivar o patriotismo dos imigrantes. Paralelamente, estas estruturas estavam envolvidas no controle (e episodicamente na repressão), do antifascismo, recorrendo também, para melhor desenvolver esta tarefa, à colaboração de informantes pagos que operavam junto aos órgãos de polícia brasileiros¹⁹. Escasso parece ter sido, pelo contrário, seu papel na manutenção de contatos de vértices com o movimento fascista local na década de 30, operação esta efetuada por pessoas designadas de tais responsabilidades por Roma, ou seja pelo corpo diplomático.

Independentemente da avaliação sobre a eficácia com a qual foram desenvolvidas as tarefas elencadas, após 1928 os no Brasil restringiram seu raio de ação, limitando-se a prestar sua obra em campo cultural, educativo, assistencial e recreativo, aprofundando assim papéis que, mesmo presentes desde seu nascimento, a partir deste momento em diante se tornaram o traço característico dessas organizações. O papel assistencial se limitou à distribuição de gêneros alimentícios e outros bens de primeira necessidade em favor dos imigrantes pobres, na parca concessão de subsídios em dinheiro aos mais necessitados, na assistência médica gratuita e, no caso do *Fascio* feminino, na entrega de enxovais para os recém-nascidos. Os resultados foram de qualquer maneira modestos e a decisão da embaixada de destinar, para as atividades assistenciais das seções do PNF, uma parte das entradas das doações da coletividade não serviu para uma melhora da situação. Para determinar tal insucesso contribuiu mais uma vez a desconfiança, ou a pura hostilidade, manifestada pelas inúmeras associações étnicas já existentes, cujas atividades primárias se sobrepunham àquelas dos *Fasci*, desde a beneficência ao socorro mútuo, da instrução à organização do tempo livre.

No plano cultural registrou-se um esforço fraco na abertura de cursos escolásticos e um mais forte para a promoção de representações teatrais, colocadas em cena por companhias amadoras de imigrantes, às vezes durante tardes ou noites dançantes, em total sintonia com aquela que fora uma prática comum, nas décadas anteriores, do movimento operário a caráter étnico, sobretudo de orientação anarquista. Ao final das contas, a organização do tempo livre acabou por representar uma das principais preocupações dos *Fasci*, que criaram bandas musicais, abriram cursos de danças e de canto, organizaram passeios dominicais, cópia perfeita dos trens populares na Itália²⁰, e promoveram manifestações esportivas, dispendo, às vezes, de suas próprias estruturas para estas últimas atividades.

Muito difundido foi também o costume de criar colônias de férias e a insistência em tais operações era motivada tanto pela importância de instilar italianidade

19 V. T. Dos Santos, *Os seguidores do Duce: os italianos fascistas no Estado de São Paulo*, Arquivo do Estado-Imprensa Oficial, São Paulo 2001, p. 29. As próprias autoridades diplomáticas também usavam de tal recurso.

20 Tratava-se de trens a preço reduzido organizados pelas OND para levar a população a destinos, geralmente de praia ou turísticos durante os feriados. Obtiveram grande sucesso de público e inauguraram na Itália o turismo de massa.. (NDT)



no coração dos filhos dos imigrantes nascidos no Brasil - e portanto brasileiros a todos os efeitos pela legislação local que se baseava no princípio do *ius soli* - seja pela consciência do alto valor propagandísticos destas iniciativas no plano político. As colônias e as escolas primárias acabaram sendo centros de doutrinação e proselitismo²¹. A difusão das colônias foi apoiada também pela Opera Nazionale Dopolavoro (OND) com tanta energia que chegou a pôr o Brasil no topo da lista dos países latino-americanos para estas específicas iniciativas. Neste sentido, a OND acabou por exercer ao longo da década de 30 uma concorrência aos *Fasci*.

A sobreposição de funções era objetivamente ineliminável, dado que as diretivas impartidas pelo regime às OND no exterior eram de prover à educação física e esportiva dos trabalhadores, à instituição de cursos profissionalizantes, à organização do tempo livre, à propaganda patriótica, à assistência econômica e moral, ou seja, numa palavra, à tarefa “de absorver cada manifestação da vida das nossas massas emigradas”²². Assim, mesmo trabalhando em sintonia com as seções do PNF, das quais eram parcialmente projeções e instrumentos aos olhos dos imigrantes, as OND lhes roubaram espaço, sobretudo graças ao favor que encontraram, em termos nem tanto de multiplicações de sedes (19 em todo o Brasil no final da década de 30) quanto de inscritos: na cidade de São Paulo eram 1500 em 1931, ano de sua abertura, 5.437 em 1934 e 7.000 em 1935.

Todo o trabalho das OND em cobrir um raio de ação quanto mais amplo possível - desde as representações teatrais e musicais às escolas noturnas, dos passeios pós trabalho às festas dançantes, dos jantares sociais aos bailes mascarados, das projeções cinematográficas às atividades esportivas - era destinado a conseguir encontrar interlocutores e apoio junto às classes populares. Esforços nesse sentido eram realizados também pelos *Fasci*, que, mesmo se propondo como organizações interclassistas e “nacionais”, ao interior das quais não existiam divisões baseadas em renda e profissão, almejavam conquistar a grande massa dos imigrantes. Na realidade, apesar dos pouco pontuais acenos presentes na imprensa partidária daquele período, direcionados a mostrar uma pronta resposta do proletariado urbano e dos trabalhadores rurais, pelos raríssimos dados sobre a profissão dos inscritos emerge que a adesão destas classes resultou mínima, enquanto o PNF foi composto basicamente por elite, classe média e pequena bur-

21 Citamos, como exemplo, o hino cantado, no ritmo de *Fischia il sasso*, pelas crianças do acampamento “Edda Ciano Mussolini” de Nova Friburgo no começo da década de 1940, ou seja, quando o governo brasileiro já tinha proibido as atividades políticas aos estrangeiros: “ Di una fede sol sorretti/ presentiamo il nuovo sole;/ noi del Duce siam gli eletti,/ del fascismo siam la prole./ del fascismo audace e fiero/ che i nemici spezza e doma,/ del fascismo che l'impero/ ricondusse all'alma Roma./ Giovinezza è il nostro canto;/ noi d'Italia rifiorita,/ per l'Italia amata tanto/ noi siam pronti anche a morir” (Por uma só fé regidos/ apresentamos o novo sol;/ nós do Duce somos os escolhidos,/ do fascismo somos os filhos./ Do fascismo audaz e altivo/ que os inimigos quebra e doma,/ do fascismo que o Império/ trouxe de volta para a mãe Roma./ Juventude é nosso canto;/ nós da Itália reflorescida/ para a Itália amada tanto/ estamos pronto até a morrer), (“Fanfulla”, 25 de janeiro 1940).

22 I. Guerrini, M. Pluviano, *L'organizzazione del tempo libero nelle comunità italiane in America Latina: l'Opera Nazionale Dopolavoro*, em Blengino, Franzina e Pepe (orgs.), *La riscoperta* cit., p. 381. Dos mesmos autores, cfr. *L'Opera Nazionale Dopolavoro in Sudamerica*, in: “Studi Emigrazione”, 119, 1995, p. 518-37.



guesia²³. Para enfrentar tal indiferença, em São Paulo em 1937, se registraram duas iniciativas: a abertura de 3 seções em bairros italianos a forte composição popular (Braz, Bela Vista e Ipiranga) e a criação de uma “Legião operária do *littorio*”. Em realidade, todas estas iniciativas tinham como objetivo, sobretudo, reforçar aquele paternalismo empresarial em base étnica que já vinha de uma longa tradição. Mais difícil ainda de definir é a participação nas estruturas de Partido da mão de obra rural, mesmo que a seu desfavor houvesse a distância dos centros urbanos e a progressiva perda de importância desse destino profissional entre os italianos no Brasil no período entre as duas guerras.

A adesão mais firme veio dos segmentos situados no meio da escala social ou pouco além dela, dado que a elite, mesmo se mostrando solícita em se colocar ao lado do regime de Mussolini, limitou seu compromisso dentro das organizações do Partido, sobretudo no plano dos cargos diretivos. As estrelas mais brilhantes do firmamento italiano além oceano se destacaram, com certeza, por doações monetárias, porém raros foram os exemplos de envolvimento pleno nos *Fasci* e nas OND, com exceção do magnata do açúcar Pietro Moranti, que dirigiu por algum tempo a seção do PNF em Piracicaba no estado de São Paulo. Verdade é que empresários, latifundiários, construtores e grandes comerciantes não podiam se permitir, por problemas de visibilidade e de relações, de demonstrar indiferença em relação aos *Fasci*, mas é também verdade que muitos entre eles avaliavam com preocupação as implicações das manifestações políticas de mais baixo perfil e mais barulhentas, dado que eles demonstravam muito cuidado em evitar a instauração de um clima de tensão - de fácil explosão numa área na qual o nacionalismo era tão difundido - que teria se voltado negativamente tanto contra a coletividade italiana quanto contra as atividades econômicas deles próprios.

Justamente os órgãos dirigentes do Partido se tornaram alvo das críticas maiores, tanto por parte dos observadores da mãe pátria, como de muitos expoentes da coletividade residente que censuravam o comportamento destes e que os culpavam pela escassa incisividade do PNF, em um ambiente que parecia ser mais que preparado para decretar o sucesso do Partido. Já em 1924, Giovanni Giurati, que estava liderando uma empreitada de promoção do *made in Italy* - o cruzeiro do navio Itália que hospedava a bordo uma mostra itinerante de produtos manufaturados e obras de arte que tocou vários Países do subcontinente - sinalizou para Mussolini que, na América Latina, os *Fasci* eram regidos por indivíduos que não haviam sido submetidos a nenhuma seleção. Em realidade tal circunstância não parecia preocupar muito a secretaria de Roma, se era verdade que a única proposta formulada pelo futuro secretário do PNF, ou seja o afastamento de Rocchetti (delegado do Partido no Brasil), não teve “outro êxito do que aquele de oferecer ao

23 Dentre das 54 fichas relativas aos inscritos ao Fascio de São Paulo, compiladas pela polícia política, conservadas no Arquivo de Estado, e apresentadas por Dos Santos (*Os seguidores* cit., pp. 93-152) bem 14 são relativas a comerciantes, 8 a profissionais liberais, 7 a empregados e o mesmo número a pequenos empresários, assim como a pessoas trabalhando em serviços, enquanto os operários não passam das 3 unidades.



Rocchetti o apoio de Bastianini²⁴²⁵. Em 1931, depois de conseguir verificar o funcionamento do Partido durante uma viagem na área, Piero Parini²⁶ também mostrou perplexidade acerca do funcionamento de tais estruturas na América Latina.

Ainda mais duras eram as críticas por parte daqueles que estavam em contato cotidiano com os responsáveis de tais organizações. A acusação mais frequente era aquela de perseguir vantagens pessoais, deixando de defender os interesses tanto dos imigrantes quanto do fascismo. O costume de explorar os cargos dentro do Partido para promover a si próprios e seus negócios, a incompetência, o vacuidade, a mesquinhez, a falta de tato e outros defeitos eram evidenciados, sobretudo ao longo da década de 20, pelas mesmas autoridades diplomáticas que, entre as linhas ou abertamente, atribuíam exatamente à incapacidade dos dirigentes as dificuldades enfrentadas pelos *Fasci*. A seqüela de lutas intestinas desencadeadas por causa das vantagens oferecidas pelo acesso às altas hierarquias do PNF foi acompanhada por uma práxis de frequentes expulsões e por um alto nível de rotação aos vértices. Os doze secretários que se alternaram à guia da organização paulista entre 1923 e 1938 testemunham a intensidade destas ambições, mas também a dificuldade de encontrar elementos capazes, como era o desejo das autoridades diplomáticas, que a partir de 1928 tentaram também frear a desmedida combatividade interna, não desdenhando a intervenção em primeira pessoa para dirimir contrastes e eventualmente facilitar a renovação.

Além de tais problemas, as estruturas do Partido transmitiram ao externo uma sensação de arrogância e de agressividade (não necessariamente só verbal) que suscitou o temor de uma parte da opinião pública local. As preocupações se concentravam sobretudo na liberdade de ação concedida aos *Fasci*, em sua pretensão de poder decretar ostracismos contra outros imigrantes da mesma nacionalidade, no atrevimento com que tais organizações se arrogavam o direito de coerção e de chantagem. Tudo isso acontecia também em outros destinos da emigração italiana, mas no Brasil as perplexidades pareciam mais justificadas, dado que aqui, por boa parte do *ventennio*²⁷, o livre exercício dos direitos políticos sofreu uma série de restrições, razão pela qual o que era proibido aos nativos parecia consentido aos estrangeiros. Estas anomalias e o mal estar suscitado por algumas iniciativas das seções do PNF induziram não só a esquerda (fraca no Brasil por boa parte desse período) mas também exponentes de outros partidos e em especial a imprensa a pedir em intervalos mais ou menos regulares seu fechamento, sobretudo durante a década de 20, quando o papel político por elas desempenhado era mais evidente

24 Giuseppe Bastianini – político e diplomata italiano, foi deputado, vice-secretário do PNF e secretário dos *Fasci* italianos no exterior. (NDT)

25 Cit. em Istituto italo-latino americano, *Sartorio 1924. Crociera della Regia Nave "Italia"*, edizioni De Luca, Roma 1999, p. 97. Giurati, inclusive, exprimia parecer negativo a propósito dos *Fasci* que, não podendo desenvolver plena atividade política em terra estrangeira, "constituem uma Sociedade colonial que muitas vezes aumenta as causas da desagregação das nossas coletividades. Vestem, em algum País, a camisa preta, gritam *alalà* mas não podem alcançar resultados de importância relevante".

26 Piero Parini – político italiano, foi o terceiro secretário dos *Fasci* italiano no exterior (NDT).

27 A palavra *Ventennio* em italiano se refere ao período em que Mussolini e o fascismo ficaram no poder: aproximadamente vinte anos, de 1922 a 1943. (NDT)



e, entre os brasileiros, manifestavam-se menos difusamente simpatia e admiração em relação ao modelo italiano. Os maiores alvos dessa campanha não foram, porém, os *Fasci* (demonstrando a já assinalada fraqueza na presença política e na capacidade de proselitismo), mas as representações diplomáticas, os jornais e as escolas. Não foi casual que os únicos dois reais acidentes registrados no período, seguidos de manifestações de praça, violência, gritos contra a Itália, tivessem sido desencadeados não por dirigentes e inscritos a seções locais do PNF, mas por fascistas recém chegados da Itália que trabalhavam no campo da imprensa étnica e da diplomacia²⁸.

Em abril de 1938, cinco meses depois que Vargas havia imposto a dissolução de todos os partidos brasileiros, foi emanado um decreto que proibia aos estrangeiros de manter suas próprias organizações políticas e punha limitações àquelas associações que mesmo não sendo expressão direta de partidos, poderiam lhes servir de cobertura. A medida, mesmo sendo impulsionada por exigências de política nacional e por preocupações relativas sobretudo às atividades desempenhadas pelos alemães no sul do Brasil, atingiu tanto os *Fasci* como as OND e foi acompanhada por uma campanha contra as escolas étnicas, que levou à proibição de ensinar em língua estrangeira às crianças abaixo dos quatorze anos.

O respeito da norma foi de qualquer forma decididamente elástico, menos no Rio Grande do Sul, onde a nova linha foi aplicada com rigor e mais ainda o será a legislação criada a partir do início de 1942, tanto de levar a afirmar que a repressão do fascismo transformara-se em repressão dos italianos *tout court*²⁹. No resto do país, pelo contrário, as escolas continuaram a funcionar, a OND manteve a própria sigla, mas se tornou Organização Nacional Desportiva (pondo o acento no campo de intervenção no qual suscitou maior interesse) e os *Fasci* procederam a operações de maquiagem, diluindo-se em instituições mais amplas como as “casas de Itália” ou transformando sua razão social e assumindo frequentemente aquele papel que já desempenhavam na realidade. Assim o Fascio de São Paulo continuou a existir sob a denominação de *Ente Assistenziale “Filippo Corridoni”*³⁰, trocando de secretário. O ex-tenente Bifano, de qualquer forma, não abdicou de seu papel político e os fascistas não se resignaram às limitações impostas, tanto que, a dois anos de distância da emanção da legislação restritiva, o aniversário da fundação dos *Fasci* na Itália foi comemorado na sede do Circolo Italiano (não por acaso a associação mais elitista da comunidade) e o discurso solene foi proferido pelo próprio Bifano. Que a antiga seção do PNF mantivesse funções que não tinham nada a ver com a obra assistencial é comprovado pelo fato que, em janeiro de 1941, durante uma busca no “Filippo Corridoni” foram encontrados e sequestrados milhares de

28 Sobre os episódios que em 1928 envolveram Luigi Freddi, que já fora vice secretário dos *Fasci* no exterior e que transferiu-se no Brasil para dirigir o jornal “Il Piccolo” e, a distância de menos de um mês, Osvaldo Brancaloni, secretário do cônsul Mazzolini, cfr. Bertonha, *O fascismo* cit., pp. 332-35 e Trento, *Presenze* cit., pp 410-14. Em ambos os casos a acender a faísca foram alguns comentários ofensivos em relação aos brasileiros e às brasileiras.

29 Cfr. Slomp Giron, *As sombras* cit., e B. Corsetti, *O crime de ser italiano: a perseguição no estado Novo*, em L. A. De Boni (org.), *A presença italiana no Brasil*, I, EST, Porto Alegre 1987, pp.363-82.

30 Entidade assistencial Filippo Corridoni (NDT)



panfletos de propaganda fascista³¹.

Somente com a ruptura das relações diplomáticas em janeiro de 1942 e ainda mais com a declaração de guerra de agosto do mesmo ano se chegará ao definitivo dissolvimento de *Fasci* e OND, como também ao fechamento de escolas, associações e jornais italianos. Comentando a primeira das duas decisões, Galeazzo Ciano³² assim anotava, realisticamente, em seu diário: “Mussolini queria que eu dissesse ao Encarregado de negócios responsável pela comunicação que ele tinha a doença do elefante e que um dia iria fazer pagar caro (ao Brasil) aquela iniciativa. Mas onde? Mas como?”³³.

31 Ambas as notícias em Dos Santos, *Os seguidores* cit., pp. 26-29 e 42.

32 Galeazzo Ciano (1903 – 1944) foi um político italiano, genro de Benito Mussolini e ministro dos assuntos exteriores de 1936 a 1943. NDT

33 G. Ciano, *Diario, 1937-1943*, Rizzoli, Milão, 1980, p. 585.